



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM
CURSO DE LETRAS

ANTÔNIA WANDERLÉIA SOUSA COSTA

Auto da Compadecida, A Pena e a Lei, O Santo e a Porca: Uma análise sócio comparativa das obras de Ariano Suassuna.

Itapecuru-Mirim

2019

ANTÔNIA WANDERLÉIA SOUSA COSTA

Auto da Compadecida, A Pena e a Lei, O Santo e a Porca: Uma análise sócio comparativa das obras de Ariano Suassuna.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim (CESITA), como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. Esp. Edjanio de Abreu Mendes

ANTÔNIA WANDERLÉIA SOUSA COSTA

Auto da Compadecida, A Pena e a Lei, O Santo e a Porca: Uma análise sócio comparativa das obras de Ariano Suassuna.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim (CESITA), como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. Esp. Edjanio de Abreu Mendes

Aprovado em _____ / _____ / _____

Prof. Esp. Edjanio de Abreu Mendes

2º Examinador

3º Examinador

A quem sempre me permite recomeçar, Deus.

AGRADECIMENTOS

Àquele que sempre me amou, e mesmo em meio as maiores lutas da minha vida nunca me deixou desistir.

Aos maiores amores da minha vida, Irene, Rosino, Wanderley e Geovane.

A Luísa, Guilherme, Raylan, Lorena, Cecília e Aline.

A Suzana, Suzy, Josiane e Francinaldo, amigos que a Uema me deu.

A Carolina Ribeiro, por ser paciente, amiga, por acreditar em mim, por ser uma das melhores pessoas do mundo.

A Milena Guimarães, que sempre me ajudou, um exemplo de ser humano.

A toda a minha família materna e paterna.

A Katy, Erika e Natanael, pessoas maravilhosas que a Uema me apresentou.

E aos meus colegas de turma, que fizeram dessa jornada, a mais gostosa da minha vida.

*Muito prazer, sou nordestino.
Mas... o orgulho é todo meu.*

Guibson Medeiros

RESUMO

Este trabalho pauta-se no estudo sócio comparativo de três obras de Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*, *A pena e a lei*, *O santo e a porca*, intencionando estabelecer o aprofundamento no rico acervo do autor e explorar os aspectos que compõem suas obras, desta forma, esta pesquisa busca analisar e tornar perceptíveis os elementos socioculturais da vida nordestina. Partindo primeiramente para o apontamento desses elementos, evidenciando a realidade descrita nas obras e a importância destas para a literatura, a fim de comparar as obras ressaltando as semelhanças e diferenças entre enredos e personagens. A pesquisa desenvolve-se a partir do método bibliográfico, em concordância com os autores SZESZ (2007), CARLOS e LOPES (2012).

Palavras-chave: Ariano Suassuna. Relevância. Análise. Sociedade.

ABSTRACT

This work is based on the socio-comparative study of three works by Ariano Suassuna, "Auto da Compadecida", "The feather and the law", "The saint and the sow", intending to establish the deepening in the rich collection of the author and explore the aspects that make up his works, in this way, this research seeks to analyze and make perceptible the sociocultural elements of northeastern life. Starting from the point of view of these elements, evidencing the reality described in the works and their importance for literature, in order to compare the works highlighting the similarities and differences between plot and characters. The research is developed from the bibliographic method, in agreement with the authors SZESZ (2007), CARLOS and LOPES (2012).

Keywords: Ariano Suassuna. Relevance. Analyze. Society.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 ARIANO SUASSUNA.....	11
2.1 Ariano Suassuna: O mestre da Literatura erudita popular.....	12
2.2 A difusão da Cultura Popular Nordestina nas obras: AUTO DA COMPADECIDA, A PENA E A LEI, O SANTO E A PORCA.....	14
2.2.1 Religiosidade: A igreja no epicentro da vida sertaneja.....	14
2.2.2 Linguagem Popular: expressões e coloquialismo da Língua.....	17
2.2.3 Literatura de Cordel.....	20
3 CAMINHOS INTERCRUZADOS: As obras de Ariano Suassuna e a realidade nordestina.....	21
3.1 O sertão e a Literatura.....	21
3.1.1 O papel da familiaridade na relação: realidade x comédia.....	23
3.1.2 Os estereótipos que envolvem a região Nordeste.....	24
3.1.3 Pobreza e Desigualdade.....	25
4 ENTRELACEMENTO: Auto da Compadecida, A pena e a Lei, O Santo e a Porca – Análise Sócio Comparativa.....	27
4.1 Obra “Auto da Compadecida”.....	27
4.2 Obra “A pena e a Lei”.....	28
4.3 Obra “O Santo e a Porca”.....	29
4.4 Semelhanças e Diferenças nos enredos.....	29
5 ANÁLISE DOS PERSONAGENS.....	30
5.1 A perversão do trabalho: Vicentão, Euricão Árabe e O Padeiro.....	32
5.2 As artimanhas e maestrias do sertanejo: João Grilo, Benedito e Coroba.....	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
7 REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem seu foco principal voltado à análise comparativa de três obras de Ariano Suassuna, as tais denominadas: *Auto Compadecida*, *O Santo e a Porca*, *A Pena e a Lei*. A partir desse aspecto que norteia de modo geral o trabalho, este visa também apontar os elementos socioculturais, bem como estabelecer a perceptividade da colocação desses elementos nas obras e como são vistos e recebidos pela sociedade, para tanto, faz-se necessário a exploração inicial dos aspectos que envolvem a vida do autor, para se compreender de que maneira os tais influenciaram-no em sua escrita e produção de suas obras, prosseguindo com a exposição será abordado os legados deixados e influências de Ariano para a literatura, assim como também o enaltecimento da cultura popular e o impacto que a visão diferenciada causou nos leitores.

Faz-se então preciso ressaltar as curiosidades que envolvem a vida sertaneja, uma vez que esta também se relaciona à própria vivência do autor, visto que ele era um grande conhecedor da realidade e desventuras do sertão. No próximo capítulo, abordar-se-á sobre o envolvimento das obras analisadas com a realidade nordestina, ressaltando o comprometimento do autor com a exposição fiel da cultura do povo sertanejo, através dos aspectos religiosos, tradicionais e também sobre a relação do sertão com a literatura, a quebra dos estereótipos por meio da agregação de aspectos antes não explorados ou ressaltados sobre a vida sertaneja, além da retratação da comicidade nas obras.

Adentrando às análises, a princípio será discutido o entrelaçamento das obras, isto é, através da exposição de seus enredos e a colocação de fatores divergentes e semelhantes, para tal, será apresentado um breve resumo das obras e por fim os apontamentos dos aspectos e como aprofundamento a análise comparativa dos personagens, tratando de expor as semelhanças entre os protagonistas de cada obra e ressaltar os fatores que condicionam cada comportamento e caráter dos mesmos.

2 ARIANO SUASSUNA

Ariano Suassuna, escritor, dramaturgo, poeta, professor, romancista, advogado e exaltado principalmente pela atuação no teatro brasileiro, é um dos grandes nomes da Literatura Brasileira, o poeta nordestino rompeu barreiras e foi sem dúvidas um dos maiores responsáveis por espalhar a cultura nordestina, defendeu com perfeição a sua identidade cultural, e a fusão dos elementos eruditos aos elementos populares do Nordeste, Suassuna narrou os dramas humanos do povo nordestino.

Ariano Vilar Suassuna nasceu em 16 de junho de 1927, na cidade de João pessoa na Paraíba, filho de João Suassuna e Cássia Villar. Depois do assassinato de seu pai por motivos políticos na revolução de 30, Ariano e a família mudam-se para Taperoá, onde iniciou seus estudos, e pela primeira vez assistiu a uma peça de mamulengos.

Em 1942 vai morar em Recife, e em 1945 termina os estudos no Ginásio Pernambucano e no Colégio Osvaldo Cruz, ingressa na faculdade de Direito, e conhece Hermilo Borba Filho, com quem fundou o Teatro do Estudante de Pernambuco. Em 1947 escreve *Uma Mulher Vestida de Sol*, sua primeira peça, em 1948 foi montada pelo Teatro do Estudante sua peça *Cantam as Harpas de Sião* e no ano seguinte *Os Homens de Barro*.

Em 1950 termina a faculdade de Direito, e volta a Taperoá, onde escreveu e montou a peça *Torturas de um Coração* em 1951, em 1952 volta ao Recife, dedicou-se a advocacia, mas não abandonou a atividade teatral. Em 1956 torna-se professor de estética e abandona a advocacia, em 1957 casa-se com Zélia de Andrade Lima, com quem teve seis filhos, e no ano de 1959 fundou o Teatro Popular do Nordeste junto com Hermilo Borba Filho. Em 1970 criou o Movimento Armorial, com o intuito de produzir uma arte voltada para as raízes populares, que inclui diversas manifestações artísticas, como a música, literatura, teatro, cinema, entre outros, e aposenta-se em 1994 como professor.

Considerado integrante do movimento modernista da terceira geração de 45, reuniu em suas obras diferentes movimentos, como o simbolismo e o barroco, bem como a literatura de cordel, que é considerada umas das maiores expressões artísticas da literatura nordestina. Suassuna falece em 23 de julho de 2014, aos 87 anos, vítima de uma parada cardíaca, por conta de um AVC.

Com a morte do pai, Ariano buscou imortalizá-lo em seus textos, e trazer de volta a esperança de um sertão encantado, esse foi o meio que ele encontrou para lidar com a modernidade que chegava e apagava as lembranças das tradições. Desta forma,

Suassuna tentava parar o tempo, para que continuasse intacta as lembranças de seu pai e do velho sertão, e o sertão de Ariano era constituído de cantigas populares, elementos religiosos, folclore, teatros de mamulengos. O intuito do autor era inventar, e escrever o que seria ideal para ele, trazendo esperança e cura para os males da modernidade.

Para Ariano o moderno apagaria o que era importante para a vida no sertão, e o objetivo dele era salvar a sociedade da morte, do final, da descrença, da perda da fé e da esperança, conservando aquele sertão mágico, para curar suas dores trazidas pela perda.

Algumas de suas principais obras são: *Uma Mulher Vestida de sol*, escrita para um concurso, em 1947, onde Suassuna conquista o primeiro lugar, *Auto da Compadecida* depois de anos escrita foi encenada pela primeira vez em 1995, lançando Suassuna como dramaturgo, *O Santo e a Porca*, retrata o Nordeste, e foi uma recriação de uma peça do autor Plauto, *A Pena e a Lei* escrita em 1959, inspirada em mamulengos, mistura a tragédia e a comédia, *A Farsa da Boa Preguiça*, escrita em 1960, uma obra que une histórias de mumulengo e contos populares, e o *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, publicada em 1971, mais uma história com base na cultura popular do sertão.

2.1 Ariano Suassuna: O mestre da Literatura erudita popular.

A cultura brasileira é riquíssima em sua diversidade, e a sua variedade é notada em muitos aspectos, sociais, culturais, políticos, econômicos, mas, a abundância cultural se sobressai, pois, o arcabouço cultural brasileiro abrange várias culturas.

Com o cargo de diretor de Extensão Cultural da Universidade de Pernambuco em 1970, Ariano repensou a formação da cultura brasileira, e foi a partir dessa reflexão que surgiu a ideia de criar o Movimento Armorial, com o intuito de produzir uma arte erudita com base em elementos da cultura popular, da realidade do Nordeste Brasileiro, assim, esse movimento se interessava por todas as maneiras de expressões artísticas atreladas as raízes populares, como pintura, teatro, gravura, dança, literatura, e outros.

A arte Armorial tinha sua especificidade na forma popular de cultura, pois seria aquela arte: “que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos folhetos do romanceiro popular do Nordeste (literatura de Cordel), com a Música de viola, rabeca ou pífano que acompanha seus cantares, e com xilogravura, que ilustra suas capas, assim como o espírito e as formas de artes

e espetáculos populares com este mesmo romanceiro relacionados”. (SZESZ, 2007, p. 09)

Esse movimento foi resultado de muitas pesquisas e estudos a respeito das manifestações culturais populares, então Suassuna uniu-se a músicos de formação clássica e começaram a fazer uso de elementos do folclore nordestino, levando-os para o lado erudito, resgatando a cultura popular nordestina sobre uma nova roupagem, divulgando a arte e a cultura do Nordeste, fortificando as raízes desse povo.

Um tempo depois, Suassuna completou que esse movimento era um sonho antigo que já vinha tentando realizar há anos. Ariano fundou ainda o Teatro do Estudante de Pernambuco, junto com Hermilo Borba Filho.

O Teatro do estudante foi uma criação de Pascoal Carlos Magno. Pretendia-se inicialmente com esse projeto trazer para o palco autores nacionais. Considerava-se que o público de teatro daquela época estava acostumado apenas com a encenação de peças estrangeiras que estavam muito distantes dos problemas regionais. Isso não era peculiar só ao Recife, no Rio de Janeiro e em São Paulo, nos anos de 1940, assistia-se a peças que faziam sucesso em Nova York, Paris e Londres. Alguns teatrólogos começaram a se opor às encenações de peças desvinculadas da realidade brasileira. (SZESZ, 2007, p.23)

Em Pernambuco o Teatro ganhou peculiaridades e seus integrantes argumentavam que o mesmo devia ser apresentado para o povo, já que foi criado com o intuito de se atentar para temas referentes a cultura popular, e nesse teatro Suassuna demonstrou o seu comprometimento com a cultura de raízes populares, como no Movimento armorial.

O principal compromisso do Teatro Estudantil de Pernambuco, e de Ariano Suassuna, era com a forma popular de cultura. Esse compromisso tornou-se explícito em 1946, quando Ariano organizou o encontro de cantadores no Teatro Santa Isabel. (SZESZ, 2007, p.26)

Foi através da experiência com esse teatro que Ariano passou a escrever peças baseadas em textos folclóricos, mas depois de algum tempo o Teatro do Estudante de Pernambuco parou com as atividades, anos depois Ariano lançara o *Auto da Compadecida*, uma obra que caiu nas graças do público brasileiro com dois dos seus maiores personagens, João Grilo e Chicó.

Suassuna um grande defensor das raízes da cultura popular brilhou ao criar um movimento que buscasse a arte erudita nas entranhas da cultura popular brasileira, e lutou contra a descaracterização desta, exaltando as belezas e riquezas do Nordeste.

Foi a cidade de Taperoá o cenário escolhido pelo autor Ariano Suassuna para seu mundo literário, lugar onde passou sua infância e iniciou seus estudos, cidade representada nas obras do grande autor, pelo apego, amor, e pelas experiências vividas na cidade.

2.2 A difusão da Cultura Popular Nordestina nas obras: AUTO DA COMPADECIDA, A PENA E A LEI, O SANTO E A PORCA.

Ariano foi um dos grandes nomes que representou a cultura nordestina, encantado pelas características do Nordeste, viveu sua infância no sertão e se tornou defensor de sua cultura, um dos livros que tornou Ariano imortal foi o *Auto da Compadecida*, uma obra que traz aspectos da literatura de cordel, e do barroco católico. Apaixonado pelo Nordeste é perceptível a presença de diversas peculiaridades do sertão em suas obras, dessa forma, na década de 70 criou o Movimento Armorial, com o objetivo de que valorizassem as origens da cultura brasileira.

O Auto da Compadecida é uma obra baseada em romances e narrações populares, assim como O Santo e a Porca e A Pena e a Lei, onde se é exposta a cultura popular do povo do Nordeste em sua total realidade, desta forma, falar sobre essas obras é mostrar a cultura nordestina e suas diversas questões sociais e climáticas, percebendo a relevância de cada uma, pois contribuem com a propagação da cultura nordestina, e para o resgate da identidade cultural de um povo.

2.2.1 RELIGIOSIDADE: A IGREJA NO EPICENTRO DA VIDA SERTANEJA.

A religiosidade é manifestação da fé, e no Nordeste dois grandes nomes são aclamados pela fé e por terem defendido tanto o povo oprimido, Padre Cícero e Antônio Conselheiro, lutaram em defesa do povo simples e pobre do sertão. No conteúdo dos folhetos nordestinos se é valorizado a cultura desse povo, e a religião é um dos aspectos onde se é visível quão bonita essa cultura é.

A região nordestina é marcada por traços severos de desigualdade e pobreza que a distingue das demais regiões do Brasil, isso porque o clima e solo desfavoráveis são fatores preponderantes para o agravamento do desenvolvimento da região, sobre tudo se levado em conta o semiárido das localidades sertanejas, o sertão nordestino. Neste

sentido, a vida do sertanejo desdobra-se de acordo com o manejo e condições que o sertão proporciona, as dificuldades; pobreza, fome, secas... compõem um cenário desfavorável a vida humana, onde frustrações e lutas por sobrevivência expõem o apego a soluções remediadas pela esperança e fé de dias melhores. Desta forma, não se trata apenas da religião em si, mas de um modo de vida, são valores que estão ligados as experiências diárias, onde a religiosidade está rodeada de elementos materiais e também culturais.

Em conformidade com o restante do Brasil, a maioria dos nordestinos seguem a religião católica apostólica romana, visto que, de acordo com Souza (2007) e Souza (2000), a influência do catolicismo no desenvolvimento deste continente entrelaça-se aos processos de exploração e apropriação da América espanhola e portuguesa, através das missões jesuíticas que foram traços marcantes na formação do povo brasileiro.

“Uma das características observáveis nas práticas religiosas do sertanejo católico, [...], é a afinidade com o misticismo extravagante, onde também ocorre a crença em superstições. Essa atração pelo sobrenatural, que associa mitos católicos como o do paraíso verde ou da terra onde corre leite e mel em contraposição com o semiárido seco e infértil necessita do Deus clemente que o leve a esse fim, sendo o sertão o imaginário dessa possível travessia para a ansiada vida plena. (PONTES, 2014, P.04)

Nesse contexto, questões ligadas minimizam o sofrimento como, por exemplo, as chuvas no sertão, tornam-se comumente vinculadas a interseção divina, e se configura como um verdadeiro e autêntico “milagre”, sua espera é ainda regada por gotas de esperanças, superstições e rezas, o que não se limita somente a questão das chuvas. Portanto, observa-se que a questão da religiosidade está intimamente ligada às questões tipicamente ambientais e sociais que atinge o sertanejo, e fomentadas de crenças e superstições acerca das religiões predominantes, então no sertão o catolicismo é envolto de magia, a presença de amuletos, orações, rezadeiras, beatos, que o compõe.

Na obra *Auto da Compadecida* é visível a questão da religiosidade, quando João Grilo faz um chamado especial para que Nossa Senhora de Nazaré interceda por ele.

JOÃO GRILLO - Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus de Nazaré!
A vaca mansa dá leite,
a braba da quando quer.
A mansa dá sossegada
a braba levanta o pé.
Já fui barco, fui navio,
mas hoje sou escaler.
Já fui menino, fui homem,
Só me falta ser mulher. (SUASSUNA,2018, p.159)

Nesse trecho acima citado, percebe-se que João implora a Nossa Senhora, depois que o bando de Severino invade a cidade e mata o padeiro, sua mulher, o padre, o bispo, o sacristão. Para não morrer, João Grilo usa toda sua esperteza, juntamente com Chicó, enganam o cangaceiro, e matam-no, mas o companheiro do bando de Severino consegue matar João. O julgamento (que também está relacionado a religião) acontece quando todos morrem, e depois de apelar para Nossa Senhora, o esperto do João Grilo consegue voltar a viver.

Em outra obra aqui trabalhada, intitulada *O santo e a porca*, é notada também a interferência da religiosidade, pois Euricão Árabe é devoto de Santo Antônio, e acredita que o santo protege a sua porca velha de madeira, onde ele guardava todas as economias de sua vida inteira.

EURICÃO - Agora, sim. E você, Santo Antônio, deve se contentar agora com minha pobreza e minha devoção. Eu não o esqueci. Não deixe que esses urubus descubram meu dinheiro! Faça isso meu santo, e a banda de Jerimum que eu ia dar a Coroba será sua. (SUASSUNA, 2005, p. 54)

Em *A pena e a lei* se é mais percebido no terceiro ato, quando morrem os personagens, e o inferno é escolhido como purgatório, a história se passa numa sexta-feira santa, dia da morte de Cristo. Abaixo uma passagem da obra, onde cheirosa e cheiroso conversam:

[...] CHEIROSA - Ah, então eu quero! Mas eu quero lhe avisar uma coisa: nesse seu Terceiro Ato tem Cristo?
 CHEIROSO - Tem.
 CHEIROSA - E ele se passa no céu, é?
 CHEIROSO - É por ali por perto!
 CHEIROSA - Pois vão dizer que você não tem mais imaginação e que só sabe fazer, agora, o Auto da Compadecida.
 CHEIROSO - Isso é fácil de resolver: na próxima peça, em vez de o personagem ser sabido, é besta, e, no Terceiro Ato, em vez de tudo se passar no céu, se passa no inferno. (SUASSUNA, 2005, p. 98)

Assim, constata-se que nas três obras de Ariano há a presença da religiosidade, por ser tão comum na região nordestina, pois é um lugar onde o povo enfrenta muitas dificuldades, mas não perde a esperança. Além das passagens citadas, há ainda várias outras que mostram de fato essa questão, não somente em pequenos fragmentos, mas em todas as obras, ao longo das histórias nelas contadas, se percebe a religiosidade do começo ao fim.

2.2.2 LINGUAGEM POPULAR: EXPRESSÕES E COLOQUIALISMO DA LÍNGUA

A língua portuguesa chegou primeiramente na região nordeste por meio dos donatários das capitanias. Os jesuítas preferiram utilizar o latim para catequizar, ao invés de aprender o tupi, mas depois de algum tempo a língua foi se modificando e se adequando a novos hábitos fonéticos, e reunindo palavras de origem indígena e africana, portanto, o Brasil é considerado um país com uma pluralidade regional e sociocultural imensa e conseqüentemente a língua portuguesa apresenta uma grande variedade.

Uma vez que a língua e a cultura são indissociáveis, no Nordeste, encontramos nessa região uma cultura rica em termos, ritmos e expressão plástica, com um traço eminentemente popular, que não se aprende na escola, nem é valorizado em época de globalização. (CARVALHO, 2000 *Apud* SÁ, 2011, p. 250)

Para entender melhor sobre a linguagem do nordestino, precisa-se entender o que é coloquialismo, que é algo muito comum na região Nordeste. O coloquialismo, é a linguagem coloquial, informal, ou popular, uma linguagem utilizada no cotidiano em que não exige a atenção total da gramática, de modo que flua melhor a comunicação oral. Nesta linguagem usam-se muitas gírias e palavras que não possuem outros significados na linguagem formal.

No Nordeste a linguagem coloquial é comumente usada, pois é o jeito informal de falar, é uma maneira bem popular, que se utiliza com frequência quando se conversa com amigos, com a família, vizinhos, entre outros. Quando esta é utilizada não há uma preocupação com as regras gramaticais, e sim com a espontaneidade, falar de forma descontraída, regional, ou melhor dizendo, popular, na interação.

Assim a linguagem nordestina é utilizada como identidade regional, caracterizando-os e sendo uma ferramenta usada para expressão. As obras de Ariano Suassuna mostram bem a questão de expressões tipicamente nordestinas. Em o *Auto da Compadecida* percebe-se expressões tipicamente do Nordeste, uma vez que o autor usa a linguagem da região para dar ainda mais vida a suas obras.

[...] JOÃO GRILO - está aí Chicó que o diga.

MANUEL- Chicó?

JOÃO GRILO - Ah, é verdade, Chicó ficou. Já estava tão acostumado a aperrear o pobre de Chicó que me esqueci de que ele tinha ficado. É um amigo meu. (SUASSUNA,2018, p.149)

Nesse trecho observa-se que João Grilo usa a expressão “aperrear” que na região Nordeste é o mesmo que, amolar, perturbar ou desviar a atenção. Em *A Pena e a Lei* também se observa expressões dessa região, nesse pequeno fragmento abaixo, é claramente observável que Benedito usa o termo “brabeza”, que no Nordeste é muito usado, no sertão significa alguém que se cria ou foi criado solto.

[...] VICENTÃO - está vendo? Foi tudo trapaça desse moleque.
 BENEDITO - calma, viu, Vicentão? Deixe de brabeza pra meu lado, que eu já sei quem é você, viu? O fato é que eu precisava de uma autoridade para impressionar, senão ninguém ouviria Mateus. Mas o que ele fez foi cumprir ordem: trouxe o novinho e mandou matar. (SUASSUNA, 2005, p.82)

Em *O Santo e a Porca* observa-se também expressões tipicamente dessa região, nesse trecho em uma conversa entre Coroba e Pinhão. Pinhão usa o termo “bucho” que quer dizer barriga, ou pessoa muito feia.

CAROBA - Mas Pinhão, um velho daquele!
 PINHÃO - É! É um velho, mas não gosto de mulher que bate no bucho dos outros não! Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz!
 CAROBA - Não me venha com ditado agora! (SUASSUNA, 2005, p.82)

Nas obras para aproximar o leitor ainda mais da realidade do Nordeste o autor usa expressões, ou seja, uma linguagem bem parecida com a da região, uma linguagem popular, bem coloquial, não se prendendo a palavras difíceis e rebuscadas. Abaixo, algumas expressões muito usadas no Nordeste:

Abilobado: Qualidade daquele que perdeu o juízo, às vezes momentaneamente;

Aperriar: O mesmo que amolar, perturbar, desviar a atenção;

Arretado: Diz-se de algo muito bom, mas também pode ser usado para qualificar alguém muito bravo;

Arrodear: O mesmo que dar a volta, fazer o rodeio;

Avexar: Apressar, aperriar;

Balaio: Cesto grande;

Babão: Bajulador, puxa-saco;

Boiar: Sobrar;

Bulir: Mexer com alguém, de preferência com alguém que estava quieto;

Cambito: Perna fina;

Cabra: Referência genérica a uma pessoa, em geral do sexo masculino;
Doideira: Acesso de loucura, endoidamento;
Desmilinguido: Magro, sem vigor;
Emburrado: Cara fechada, com raiva;
Enxerido: Pessoa metida, alguém que tira liberdades;
Empiriquitar: Arrumar-se em demorado;
Estribado: Cheio da grana;
Froxo: Medroso, covarde;
Foi mal: Pedido de desculpas;
Invocado: Pessoa com raiva, cismado;
Liso: Sem dinheiro;
Lambança: Bagunça;
Mangar: Rir dos outros;
Mundiça: Povão, gente simples;
Oxente: Expressão de surpresa;
Pipoco: Estouro, Barulho grande;
Pelejar: Tentar até a exaustão;
Pitéu: Elogio à mulher bonita e jovem;
Remela: Secreção ocular;
Relar: arranhar;
Triscar: Tocar;
Torar: Partir, quebrar;
Vixe: Exclamação de surpresa ou espanto;

Estas são algumas expressões bastante usadas no Nordeste, como visto, o Nordeste é uma região de peculiaridades, e a língua é uma delas, esses termos são utilizados de forma coloquial no cotidiano dos Nordestinos para a comunicação.

2.2.3 LITERATURA DE CORDEL

Foi na península Ibérica que surgiu a literatura de cordel, e eram expostos para a venda pendurados em cordões, por isso o nome “cordel”, ele é derivado ainda da cultura popular antiga do Ocidente. A cultura popular surge especialmente por conta de histórias contadas, e pela composição de versos. Essa literatura surge então na Europa, e chega ao Brasil em meados do século XIX, passa por inúmeros problemas, mas resistiu aos tempos ruins, e é uma das manifestações mais populares do Nordeste Brasileiro.

Vários estudiosos pressupõem que a literatura de cordel chegou ao Brasil na primeira metade do século XVI, e que esta foi propagada no Nordeste, pois, foi onde se iniciou a colonização que se espalhou por todo o Brasil.

Penso que o hábito de decorar histórias, dos cantos de trabalho, as cantigas de embalar e toda sorte de narrativas orais trazidas pelos colonizadores vão sedimentando, na cultura brasileira, o costume de cantar e contar histórias, de guardar na memória os acontecimentos de vida cotidiana. Assim, pouco a pouco, foi se desenvolvendo junto ao homem brasileiro, mais especificamente na região Nordeste, onde se deu o início da colonização, uma poesia oral com características muito peculiares. (BARROSO, 2006, P.22 *Apud* TEIXEIRA, 2008, P. 12)

O cordel foi primeiramente cantado e depois passou a ser também escrito. No Brasil o ápice da literatura de cordel se deu em 1930, nessa época ela era utilizada para levar informações, divulgando notícias, antigamente essa literatura era popularmente chamado de livrinhos de feira, livretos, mas os cordelistas chamavam de “folhetos”. Essa literatura também foi propagada na região sul, mas depois de algum tempo passa por uma crise, e foi aí que o público mais instruído passou a gostar, e assim o cordel ganhou destaque, tornou-se uma fonte de estudo, e passou ser visto em outros lugares e não só em feiras.

Ariano Suassuna com o Movimento Armorial unia a literatura de cordel a outras manifestações artísticas, nas suas obras ele juntou também o que já se conhecia por meio desta literatura. Em *As Proezas de João Grilo* foi que o autor encontrou o mais memorável de seus personagens, em um folheto, e o reaproveitou em sua obra *Auto da Compadecida*. Em suas obras Ariano Suassuna conseguiu retomar a memória popular por meio de vários aspectos, buscando inspirações em cordéis e utilizando elementos que se fazem presente nos folhetos.

3 CAMINHOS INTERCRUZADOS: AS OBRAS DE ARIANO SUASSUNA E A REALIDADE DO NORDESTE

É fato que Suassuna buscava retratar o Nordeste em suas obras, e ao invés de mascarar a realidade dessa região, Ariano mostrou a realidade do Nordeste e do nordestino, fazendo críticas a vários temas.

Nas obras de Suassuna a crença é um dos grandes temas trabalhados, que é algo muito comum na região Nordeste, ele traz em seus escritos todos os problemas existentes no cenário nordestino, visto que Ariano viveu no Nordeste e conseqüentemente presenciou muitos problemas que cercam a região, não se prendendo somente aos problemas, o escritor recriou em suas obras o Nordeste que com as coisas boas que ele também viveu na sua infância.

A realidade da região Nordeste é muito trabalhada nas obras do grande autor Ariano Suassuna, em seus livros o mesmo pôde mostrar os problemas existentes nessa região, não esquecendo a riqueza cultural desse povo sofrido, mas cheio de fé. Ariano se tornou defensor da cultura brasileira, e divulgou especialmente a nordestina, em suas obras ele trata da religiosidade, das astúcias, e de diversas características desse povo.

3.1 O sertão e a literatura

Ao usar o sertão como tema em obras literárias, conseqüentemente se pensa em literatura sertanista, ou regionalista. O sertanismo se caracteriza por mostrar a região sertaneja, o povo, o clima, a vegetação, e o ambiente em que o sertanejo está inserido, seu modo de vida, além do mais, também retrata a beleza e o sofrimento imposto pela natureza.

Sertão designa, de um modo geral em todo o Brasil, as regiões interioranas, de população relativamente rarefeita, onde vigoram costumes e padrões culturais ainda rústicos. No caso do Nordeste, a palavra possui configuração semântico-sociológica ainda mais definida: aplica-se à zona em geral semiárida do interior, sujeita a secas periódicas e caracterizada em termos socioeconômicos, desde o século XVIII, pelo predomínio de pecuária extensiva (à “civilização do couro”), em contraste com a faixa litorânea, dominada pela cultura de cana e pelo complexo cultural dela derivado. (ALMEIDA,1999, p.53-54 *Apud* CARLOS e Lopes, 2012, p.61)

Depois que alguns autores passaram a enxergar o Nordeste e o povo que lá habita como representação da cultura brasileira foi que essa região ganhou destaque, várias

regiões sofreram influências estrangeiras e o Nordeste continuou intacto, preservando o que de fato é brasileiro.

Para compreender o sertão/sertanejo na literatura brasileira tem-se de olhar, primeiro para o Romantismo para entender como se iniciou esta tentativa de mostrar um tipo regional que manifestasse, de forma mais característica, a identidade brasileira, ou seja, uma figura que mostrasse a verdadeira cara do Brasil, um Brasil puro, livre de influências estrangeiras. Na busca por essa a literatura brasileira passa a assumir uma grande tendência nacionalista. (ALMEIDA, 1999 *Apud* CARLOS e LOPES, 2012, P.64)

A literatura regionalista destaca as várias regiões e suas peculiaridades, dando ênfase a realidade brasileira, assim o sertanismo é tido como um conjunto de obras regionalistas que fizeram o sertão ser percebido. O regionalismo caracteriza o Brasil por meio de personagens e sua relação com o lugar onde habita e foi então que na literatura começam a ganhar lugar, o retirante, o coronel, o cangaceiro, dando ênfase as peculiaridades da região, e sua realidade, uma vez que há uma grande diversidade no Nordeste.

José de Alencar nessa época ganhou muito destaque pois tentou buscar algo que representasse as raízes da cultura brasileira, dessa forma ele percebeu que o índio era o que melhor representaria as origens dessa cultura, pois apresentavam características verdadeiramente da terra. Com o passar do tempo o sertanejo começou a ganhar espaço também, e passa a ser o exemplo da cultura popular, o herói, e essa ideia ganha ainda mais força quando José de Alencar escreve “ O sertanejo”.

No Alencar de *O sertanejo* convergem as duas tendências românticas: a de buscar a pureza nas origens - a ação é recuada para o século XVIII, quando o sertão cearense ainda se representava em sua primitiva rusticidade (o povoamento dessa região data de fins do século XVII) - e a de valorizar a cultura popular, vista como repositório precioso da “alma de uma nação”. A esses dois movimentos caberia acrescentar um terceiro, caracteristicamente brasileiro: o recuo no espaço, como meio de recuar no tempo e reencontrar a autenticidade (ALMEIDA, 1999, p. 59 *Apud* CARLOS e LOPES, 2012, p.61)

Além de José de Alencar, outros escritores também retrataram o sertão em suas obras, Graciliano Ramos em *Vidas secas* (1938), vista como uma das principais obras que mostra de fato a realidade dessa região, Jorge Amado com *Seara Vermelha*, mostra os tipos sociais e a natureza é o pano de fundo de todos os fatos, Euclides da Cunha com sua obra *Os Sertões* (1901) que tem como essência o sertanejo, Ariano Suassuna é outro autor importantíssimo, com *Auto da Compadecida*, que também fala da vida sertaneja, se diferencia dos demais, pois sua obra é caracterizada pelo humor, pela

alegria, e os problemas sociais são retratados de forma leve, ele ainda mostra que além das lutas e do sofrimento, o sertanejo é feliz, e tem como aliada a esperteza, a astúcia... em sua obra, ainda se vê questões sérias, a corrupção da igreja, exploração do trabalho, entre outras.

Observa então que a literatura sertanista vai evoluindo e ganhando espaço com o passar dos anos, e o sertão e os sertanejos são vistos com outros olhos, percebe-se ainda que o sertanejo passa ser percebido como um ser que luta, encara e vende as dificuldades com um sorriso no rosto.

Ao longo do tempo, essa literatura vai ganhando forma e espaço, mostrando o sertanejo e o sertão de maneiras diferentes, as obras literárias que tratam sobre essa região e sobre o povo que nela habita tem suas peculiaridades e suas belezas, cada uma de forma única mostra a realidade, e toda a riqueza cultural dessa terra.

O ar de herói plantado em Alencar evoluiu para o forte de Euclides, para o bicho capaz de vencer em Graciliano, muito bem confirmado nos risos de escape em Ariano Suassuna. O sertanejo ainda, seja pelos pedregulhos na estrada de barro ou por entre os problemas que o assolam. Ele não para, porque é, antes de tudo, um “bicho” forte. (CARLOS e LOPES, 2012, p.77)

3.1.1 O papel da familiaridade na relação: realidade X comédia

Uma das obras de destaque na carreira de escritor de Ariano Suassuna foi sem dúvidas o *Auto da Compadecida*, onde o autor passou a retratar a realidade do sertão e do sertanejo de forma cômica, mesmo diante dos problemas e das situações difíceis, Ariano deu ênfase a alegria desse povo. O autor não foi o primeiro a retratar a realidade nordestina, muitos autores já escreviam sobre a realidade do sertão, mas Suassuna foi o primeiro a mostrar em seus escritos além das difíceis condições de vida, mas a população que era alegre e feliz, apesar de todos os problemas, deste modo, percebe-se a intenção do autor em ir muito além dificuldades enfrentadas no sertão, mas de tratar esses com riso e alegria.

Ariano em suas obras buscou representar da melhor forma possível a vida dos nordestinos, em suas obras ele mostrou o sofrimento e o drama, e também o lado bem-humorado do povo que vive na região Nordeste, um exemplo disso é a sua obra *Auto da Compadecida*, que conta de uma maneira cômica a história de dois amigos, Chicó e João Grilo, assolados pela pobreza conseguem sobreviver usando artimanhas, além disso o

livro ainda traz casos de traição, e de vários problemas presentes na sociedade, e a religiosidade é bem presente na obra.

Assim como o *Auto da Compadecida*, *O Santo e a Porca* e *A Pena e a Lei* também são obras que trazem em suas entranhas o humor, tratam sobre a avareza, e de como o ser humano é de fato só que de forma cômica. Suassuna usa em suas obras a linguagem circense, e em seus livros coloca palhaços, bonecos, fez críticas ao que estava errado usando a comicidade.

3.1.2 Os estereótipos que envolvem a região Nordeste

Sem dúvidas, o maior problema do Nordeste não é a seca, e sim como o resto do país ver essa região, muitos têm ideias já pré-concebidas sobre esse lugar, e que estão impregnadas de preconceito. Portanto, muitas vezes quando se fala em Nordeste as pessoas já têm uma imagem pré-concebida, como por exemplo, são considerados os nordestinos, inferiores e marginalizados.

Sobre o povo nordestino ainda se pode ouvir que são um povo sofrido, preguiçoso, ou até mesmo ignorante, já para outros, os nordestinos são pessoas trabalhadoras, sempre alegres, e inteligentes, e que mesmo com tantas dificuldades permanecem bondosos. Há muitas formas de como o nordestino é visto, esses são estereótipos, ideias que muitas vezes não correspondem à realidade, pois, inúmeras vezes são conceitos preconceituosos sobre uma determinada coisa.

Percebe-se que sobre essa região existem várias ideias equivocadas, ou mesmo, errôneas, vista quase sempre, apenas como uma região de terra seca, onde habita uma população muito necessitada, por conta da terra improdutiva.

Geralmente, os diagnósticos e as proposições têm como referência imagens historicamente construídas sobre um espaço-problema, terra das secas, região de fome e da miséria, explicação do atraso econômico e das disparidades regionais. Essas imagens são fruto de julgamentos superficiais sobre a realidade do Semiárido e dos interesses políticos das elites locais que explicavam a miséria, a fome e o atraso como produtos de condições naturais adversas, do clima, da terra e da formação de sua gente (SILVA, 2013, p.01 *Apud* ALVES,2018, p.36)

Existe sempre uma ideia que associa a questão da seca a pobreza e a desgraça, pois muitos enxergam essa região apenas enquanto semiárido, mas o Nordeste possui belas praias e um litoral paradisíaco, então percebe-se que a questão não é a seca em

si. Além de ser vista como uma região problemática, o Nordeste sofre ainda muitos outros preconceitos, tida como um lugar de muita necessidade, de muita violência, de extrema pobreza e miséria, e isso causa uma descaracterização da região.

A imagem difundida do Semiárido, como clima, sempre foi distorcida, vendeu-se a ideia de uma Região árida, não semiárida. É como se não chovesse, como se o solo estivesse sempre calcinado, como se as matas fossem secas e as estiagens durassem anos. As imagens de migrantes, de crianças raquíticas, de solo estorricado, dos açudes secos, dos retirantes nas estradas, dos animais mortos, da migração da Asa Branca – essas imagens estão presentes na música de Luís Gonzaga, na pintura de Portinari, na literatura de Graciliano Ramos e na poesia de João Cabral de Mello Neto. É um ponto de vista, ao mesmo tempo, real e ideológico, que muitas vezes serve para que se atribua à natureza problemas políticos, sociais e culturais, historicamente construídos (MALVEZZI,2007, p.11 *Apud* ALVES,2018, p.38)

A imagem errônea do Nordeste foi construída ao longo de anos, e vinculados adjetivos preconceituosos que se enraizaram no nordestino, frequentemente é divulgada nas mídias, uma visão distorcida do Nordeste e das pessoas que habitam nessa região, o que gera uma desfiguração dessa identidade regional, pois há muito tempo o nordestino vem sendo considerado como pessoas pouco instruídas e ignorantes.

A ligação do semiárido brasileira a uma natureza rude encontra origens na literatura, no cinema, e em outros meios que estão vinculados a mídia, quando se fala em sertão vem à tona várias imagens que são ligadas a vitimização e estereótipos, construídos ao longo do tempo pela sociedade, deste modo, surgem na mente de muitas pessoas ideias que ligam a região a condições de vida difíceis. Mas apesar de todo o preconceito existente a respeito dessa região, nela há vida, o Nordeste é muito mais que essas ideias erradas já pré-concebidas, é um lugar onde existe uma extensa bagagem cultural, histórica, religiosa, e de inúmeras tradições, possui uma riqueza cultural peculiar.

3.1.3 Pobreza E Desigualdade

O sertão é um lugar onde a vida é difícil, mas os sertanejos aprenderam a conviver com esse fato, o clima é a principal característica deste lugar, solo seco, dificilmente chove, a fome é vista como a principal calamidade que afeta essa região, causando dores, e marcas que perduram a vida toda.

Geralmente o Nordeste é visto apenas como uma região de seca intensa, dessa maneira as pessoas olham para esse lugar como uma local de miséria e pobreza extrema, e criam um rótulo sobre a população nordestina. Essa construção sobre o Nordeste é muito rudimentar a respeito da realidade, e faz com que as pessoas esqueçam das belezas naturais que lá existem, portanto, pode-se afirmar que essa região não é somente de seca, mas de uma diversidade belíssima.

Sempre houve muito exagero por várias partes acerca da seca nesse local, sim, ela existe, mas não é o único problema existente. Essa região apresenta diversas belezas, e é um lugar de mais turismo no Brasil, por conta de suas maravilhas naturais, suas praias, paisagens.

Como foi cenário da colonização brasileira, durante bastante tempo foi bem desenvolvida economicamente e politicamente falando, mas depois de alguns anos, construiu-se uma imagem negativa, passou a ser visto como um lugar marcado por muita necessidade. Atualmente é tido como uma região atrasada, necessitada de ajuda.

O Nordeste do Brasil tem muita importância desde a colonização, se destacou como grande centro econômico nesse período por conta do cultivo da cana-de-açúcar, mas ao longo de seu desenvolvimento passou por alguns problemas, e um dos principais motivos, é a seca que atinge esse lugar.

Entende-se que o sertão possui uma maneira diferente de viver, uma vez que os habitantes vivem em comunhão com a natureza, também por ser uma área de intensas secas, e que ao mesmo tempo que as naturezas lhe proporcionam alegrias, permitindo que tirem da terra o sustento das famílias, também traz tristezas, com secas exorbitantes.

[...] nesta extensa zona semi-árida que constitui a hoje chamada área do polígono das secas, vivem cerca de sete milhões de habitantes, num regime que tem como alimento básico o milho. É esta zona das secas uma área alimentar do milho. Do milho associado a outros produtos regionais, em combinação as mais das vezes felizes, permitindo que, fora das quadras dolorosas das secas, viva esta gente em perfeito equilíbrio alimentar, num estado de nutrição bastante satisfatório, e que nas épocas de calamidade possua energia e vigor suficientes para sobreviver ao flagelo, evitando o despovoamento da região. (CASTRO, 1984, p.175-176 *Apud* CARLOS e LOPES, 2012, p.62)

O sertão embora seja uma região onde a vida se torna difícil, acolhe uma grande população, que sobrevive trabalhando na terra e tentando conseguir desta, o seu alimento diário, apesar da seca que assola, da realidade doída, as pessoas conseguem viver felizes, pois, colocam a sua fé e a esperança em primeiro lugar, e conseguem

superar os momentos difíceis, mas a região é vista como sinônimo de seca, pobreza e miséria.

4 ENTRELAÇAMENTO: AUTO DA COMPADECIDA, A PENA E A LEI, O SANTO E A PORCA

Tendo em vista que a ideia de Ariano era mostrar a realidade do sertão por meio de suas obras, entende-se que conseqüentemente elas têm muitos aspectos em comum, portanto, neste capítulo ficará visível tanto as semelhanças entre as obras quanto as diferenças que estas apresentam, bem como a análise e características percebidas em cada uma, a partir desta perspectiva faz-se então necessário a utilização da literatura comparada, em cujo processo é realizada a análise e compreensão das obras para, por fim, obter-se uma conclusão dos aspectos aos quais se relacionam e que fazem interagir entre si.

4.1 Obra “ Auto da Compadecida”

A história se inicia com a morte do cachorro da mulher do padeiro, Chicó e João Grilo tentam convencer o padre a benzer o animal que está muito doente, mas o padre não aceita benzer o cachorro, que logo morre, então a mulher exige que o padre faça o enterro do bicho, mas este se nega novamente a fazer tal coisa, Chicó então diz ao padre que o animal possuía um testamento, e que lhe deixava dez contos de réis, se ele realizasse o enterro em latim. No desenrolar da história o bispo descobre tudo, e então João Grilo diz que seis contos de réis iriam para o bispo, quatro para o padre e três para o sacristão, para que assim não houvesse nenhum problema e fosse realizado o enterro do animal. Para ganharem algo com toda aquela situação, João diz para Chicó enfiar algumas moedas em um gato e esconder uma bexiga de sangue embaixo da camisa, caso o primeiro plano falhasse, haveria então um plano b. Então João tenta vender o gato para a mulher do padeiro, inventou uma história de que o gato descomia dinheiro, a mulher compra o gato, mas logo o padeiro descobre que era mentira e que o gato não descomia dinheiro nenhum, e vai até a igreja para falar com João que tinha ido a igreja entregar o dinheiro prometido ao bispo, o padre e o sacristão.

O bando de Severino invade a cidade, e matam o padre, o bispo, o sacristão, o padeiro e a mulher, mas uma vez Chicó e João Grilo usam a esperteza para se safar, inventam uma história sobre uma gaita que fora benzida por Padre Cícero e que ressuscitava mortos, e que eles dariam a gaita se o bando os deixassem vivos, de imediato os cangaceiros não acreditam, mas eles fazem uma demonstração, João dá uma facada em Chicó, no saco de sangue que este escondia, o bando acredita que Chicó morreu, João toca a gaita e ele ressuscita, logo toda a farsa é descoberta e João acaba sendo morto pelos cangaceiros.

Todos os mortos se reencontram no céu para o juízo final, Nossa Senhora intercede por todos, mas alguns logo são mandados para o purgatório, Severino e os seus capangas são mandados para o paraíso, pois Nossa Senhora diz que eles foram corrompidos pelo sistema, João volta para o seu corpo novamente, e assiste o seu próprio enterro, Chicó tinha feito uma promessa, onde prometeu que entregaria todo o dinheiro para a igreja se João sobrevivesse, no final da história os dois cumprem a promessa e fazem a doação.

4.2 Obra “ A pena e a lei”

A primeira parte da história fala sobre o amor de Benedito por Marieta, que era cobiçada por Vicentão e Cabo Rosinha, Benedito com o intuito de conquistar a amada usa a esperteza para desmoralizar os dois valentões, ele convence tanto Vicentão como Cabo Rosinha a desistirem de Marieta, arma um encontro entre eles, onde os dois se ajoelham e jogam as armas no chão, Benedito as pega e aponta para ambos, para que a moça veja a cena e ele saia como o valente da história, quando a moça vê a cena o esperto pensa ter conquistado a amada, mas no decorrer da história ele descobre que seu amigo Pedro já havia sido noivo da menina, e no meio de toda a confusão se reconciliaram e iriam casar.

A segunda parte da obra trata-se de um roubo, roubaram um dos novilhos de Vicentão, este vai a delegacia e tenta de todas as formas incriminar Mateus, trabalhador de sua fazenda, mas Benedito usa sua esperteza novamente e defende Mateus das acusações, conseguindo inocentá-lo depois de muita discussão, e descobre que quem roubou o novilho foi Joaquim, pois Vicentão o expulsou de suas terras sem pagar o que lhe devia, e antes que todos descobrissem Joaquim resolve se mudar para Campina. Já

na terceira parte a história se passa no céu, todos os personagens morreram e cada um vai descobrindo a causa de sua morte sempre com um tom de humor.

4.3 Obra “O santo e a porca”

Conta a história de um velho devoto de Santo Antônio, chamado Euricão Árabe, que guardava dentro de uma porca velha de madeira suas economias. Euricão recebe uma carta de seu amigo Eudoro, na carta ele dizia que iria pedir o seu bem mais precioso, logo, Eurico pensa que Eudoro está falando da porca e fica muito apreensivo.

A empregada da casa entende que o homem está se referindo a filha de Euricão, Margarida, mas esta namora Dodó, que é filho de Eudoro. Coroba inventa que Eudoro irá pedir a tia de Margarida em casamento, Benona, e ajuda Euricão a tirar vinte contos de réis do moço, a empregada também se disfarça para enganar Eudoro, primeiro de Margarida e depois de Benona, e tranca Benona no quarto com Eudoro, que já havia sido noiva do moço.

Eurico com medo de que sua porca fosse roubada enterra-a no cemitério, mas Pinhão, empregado e noivo de Coroba, vê e resolve roubar a porca, e leva a porca para o quarto. Euricão acusa Dodó de roubar a porca e começam a discutir, Pinhão para entregar a porca exige uma parte do dinheiro, mas quando recebe a porca Eurico percebe que o dinheiro não vale mais, acaba sozinho e sem o dinheiro que guardou a vida inteira.

4.4 Semelhanças e Diferenças nos Enredos

O *Auto da Compadecida*, *O Santo e a Porca*, *A Pena e a Lei*, são obras do escritor Ariano Suassuna, defensor da cultura popular, especificadamente da nordestina, embora haja muitas semelhanças entre elas, as obras também se divergem em alguns pontos.

Nota-se que as três obras a divulgar e refletir sobre a cultura nordestina, retratando o sertão e os sertanejos, além disso há a presença marcante da religiosidade, no *Auto da Compadecida* e *A Pena e a Lei*, percebe-se que os personagens morrem e são

julgados, já em *O Santo e a Porca* não há mortes e nem julgamento, mas o personagem Eurico Árabe acaba ficando sozinho como forma para pagar seus pecados.

Outro ponto percebido é o apego ao dinheiro, a avareza, como no caso de Eurico, Vicentão, o padeiro, até mesmo o padre, o sacristão e o bispo. As traições são comuns nas obras, Eurico foi traído pela esposa e abandonado, Benedito foi traído pelo amigo, que ficou com a mulher que ele era apaixonado, e a mulher do padeiro, que traiu o marido até mesmo com Chicó.

A esperteza de alguns personagens também são pontos em comum, Benedito, João Grilo e Coroba, eram espertos, pois era a maneira que eles acharam para sobreviver e enfrentar os problemas. Há a submissão dos empregados aos patrões, e a questão das classes sociais. Existe a presença de expressões tipicamente nordestinas, de uma linguagem simples, e de fácil entendimento nas três obras.

Em *O Santo e a Porca*, há a submissão de Dodó ao pai, que se apaixonou pela namorada de seu filho, o que não se observa nas outras obras. Benona irmã de Euricão Árabe já havia sido noiva de Eudoro, assim como em *A Pena e a Lei*, Marieta já havia sido noiva de Pedro, e se reconciliaram depois de muitas armações.

Marieta, personagens de *A Pena e a Lei*, passou a ficar com vários homens depois do término do noivado com Pedro, já a mulher do padeiro ficava com vários homens mesmo estando casada. O pano de fundo das três histórias é a cidade de Taperoá.

Há a presença do negro, Jesus em *Auto da Compadecida*, é negro, o que causa espanto em João Grilo e aos demais personagens, e Benedito em *A Pena e a Lei*, também era negro. Outra questão que se percebe nas obras é que Mateus é acusado de roubo, assim como Coroba e Pinhão foram acusados algumas vezes por Euricão.

5 ANÁLISE DOS PERSONAGENS

Os personagens são elementos fundamentais, pois sem eles a história ficaria sem sentido, cada personagem desempenha um papel essencial, ou seja, tem sua importância dentro da história. Desta forma aqui serão apresentados os personagens de cada obra e suas características.

- Personagens do Auto da Compadecida:

Palhaço: atua como apresentador da peça, e comenta as situações interagindo com o público;

João Grilo: um pobre que vive arranjando confusões;

Chicó: adora contar mentiras, e ainda por cima é muito covarde, é melhor amigo de João Grilo;

Padeiro: dono de uma padaria, um homem muito avarento, marido de uma mulher infiel;

Dora: (Mulher do Padeiro): Mulher infiel, que é avarenta igual o marido.

Padre João: Padre da paróquia de Taperoá, avarento, muito apegado a bens materiais.

Bispo: avarento igual ao padre, vive difamando o Frade;

Frade: homem honesto e de coração bondoso.

Sacristão: o sacristão da paróquia é bem conservador, e desconfiado;

Antônio Morais: um major, arrogante e autoritário, usa seu poder para amedrontar os pobres;

Severino: cangaceiro, encontrou no crime uma forma de sobreviver;

Cangaceiro: capanga de Severino, faz de tudo para agradar o chefe;

A Compadecida: é Nossa Senhora, intercede por todos no julgamento, é bondosa.

Manuel: é Jesus Cristo, julga sempre com sabedoria, e misericórdia, na história é negro, que causa espanto principalmente em João Grilo;

Encourado: é o Diabo, e não é misericordioso, sempre tenta imitar Jesus;

Demônio: servo fiel do Diabo, faz de tudo para agradá-lo.

- Personagens de A Pena e a Lei:

Cheiroso e Cheirosa: personagens que abrem e encerram atos, fazendo juízos de valor.

Benedito: Negro esperto, adora aprontar;

Marieta: Moça que é disputada por Cabo Rosinha, Benedito e Vicentão;

Padre Antônio: Um padre surdo;

Pedro: Viaja pelo mundo em seu caminhão, e ex-noivo de Marieta;

João: um profeta sonhador;

Mateus: Ordenador, e irmão de Joaquim, trabalha para Vicentão;

Joaquim: irmão de Mateus, ex-trabalhador de Vicentão.

• Personagens de O Santo e a Porca:

Eurico Árabe: Também chamado de Euricão “Engole Cobra”, pai de Margarida, irmão de Benona, personagem avaro;

Porca: Objeto de cobiça, que representa a avareza de Euricão;

Santo Antônio: Santo casamenteiro, santo de devoção de Euricão;

Margarida: Filha de Euricão, noiva de Dodó;

Benona: Irmã de Euricão e ex-noiva de Eudoro;

Coroba: Empregada de Euricão, personagem esperta;

Pinhão: Empregado de Euricão, noivo de Coroba;

Dodó: Filho de Eudoro e noivo de Margarida.

Eudoro: Pai de Dodó, ex-noiva de Benona, e pretendente de Margarida.

5.1 A perversão do trabalho: Vicentão, Eurico Árabe e o Padeiro

Observa-se que nas obras de Ariano Suassuna, são abordados vários assuntos, principalmente a questão da submissão do empregado ao patrão. Na sociedade que se encontravam, João Grilo, Coroba e Benedito, era marcada por um sistema econômico atrasado, além do mais detinha o poder quem possuísse terras, e a população pobre ficava dependente de trabalhos oferecidos pelos mais poderosos e as condições de trabalho não eram as melhores.

Em o Auto da Compadecida, João Grilo e seu amigo Chicó, eram empregados da padaria, eles tinham que fazer muito mais que apenas os serviços da padaria, mas, o que os patrões pedissem, eram tidos como escravos pelos patrões, o padeiro e sua esposa, recebiam salários baixíssimos, até o cachorro da família era tratado melhor que os empregados.

Em A Pena e a Lei, Mateus é acusado pelo patrão de roubo, mas ele garante que não roubou o novilho do qual Vicentão fala. Vicente acusa sem provas, no entanto quem

roubou novilho foi Joaquim, ex-funcionário de Vicentão, que foi expulso do serviço sem direito a nenhum acerto, sem receber o que tinha direito.

Em O Santo e a Porca percebe-se que Euricão não trata bem as pessoas que trabalham para ele, Coroba e Pinhão. Coroba sonha em casa-se com Pinhão, e utiliza sua esperteza para conseguir dinheiro para o casamento, já que o patrão não paga o que deve.

Desta forma observa-se que os patrões eram perversos com as pessoas que trabalhavam em suas casas, não pagavam o que os trabalhadores deveriam receber, e acusavam de roubos como se percebe em A Pena e a Lei, e O Santo e a Porca, onde os patrões acusavam injustamente por se acharem superiores aos mais pobres.

5.2. As artimanhas e maestrias do sertanejo: João Grilo, Benedito e Coroba.

Esses três nomes representam a imagem do sertanejo esperto, mestre nas artimanhas para sobreviver. João Grilo, assolado pelo fome, busca sobreviver e enfrentar os problemas da vida usando a esperteza, ao longo da história em o Auto da Compadecida, João apronta muito, mente para todos. Nessa passagem abaixo João Grilo fala sobre um testamento que o cachorro deixou caso fosse enterrado em latim, essa foi uma maneira que ele encontrou para ganhar uma parte do dinheiro, pois a dona do cachorro havia prometido caso ele conseguisse convencer o padre.

[...] foi preciso que o patrão promettesse que vinha encomendar a bênção e que, no caso de ele morrer, teria um enterro em latim. Que em troca do enterro acrescentaria no testamento dele dez contos de réis para o padre e três para o sacristão. (SUASSUNA, 2018, p. 42)

Ele ainda inventa história de gato que descome dinheiro, de gaita que faz a pessoa ressuscitar, e várias outras mentiras para sobreviver, João até na hora do julgamento arranja um jeito de se sair bem.

Benedito, em O Santo e a Porca, se parece muito com João Grilo, adora aprontar e arranjar confusão, sempre acha um jeito de sair das confusões que ele mesmo faz, mente muito, inclusive para poder conquistar Marieta, por quem se apaixonou. Na obra A Pena e a Lei, Benedito com o intuito de conquistar Marieta e de desmoralizar Cabo Rosinha e Vicentão, inventa histórias de um para o outro para que os dois desistam da

moça, abaixo uma passagem onde ele mente para Vicentão dizendo que o Cabo está querendo desistir da moça.

[...] o cabo está doido para não brigar, insinuou que, por um conto, deixa Marieta, de lado. Com a fama de valente que você tem, todo mundo vai pensar que ele correu com medo de você. (SUASSUNA, 2005, p.36)

Coroba não é diferente de Benedito e João, sempre apronta, com o intuito de arranjar um dinheirinho para casar-se com seu amado, Pinhão. Coroba engana Eudoro que está pensando em pedir em casamento Margarida, para que ele se case com Benona que já havia sido sua noiva no passado, deixando livre Margarida para casar-se com Dodó, filho de Eudoro e já namorado da moça. Nessa passagem, Coroba fala tudo o que fez para enganar tanto Eudoro quanto seu patrão Euricão.

Que é que eu podia fazer? Era preciso que seu pai acreditasse que a noiva era ela. Agora, que já está tudo encaminhado, o senhor fica aí dando jeito em tudo. Eu queria ver era na hora, inventar tudo isso de repente, noivar seu pai com Dona Benona, quando ele pensava que era com Dona Margarida, noivar Dona Benona no pedido da sobrinha, fazer Seu Euricão acreditar que o candidato a genro queria ser cunhado... O senhor acha pouco? (SUASSUNA, 2005, p.57)

Como um meio de sobrevivência, esses personagens são tão espertos, cansados de sofrer pelas situações difíceis enfrentadas ao longo da vida, eles acreditam que essa seria uma forma melhor para sobreviver em meio a sociedade capitalista e até mesmo preconceituosa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou de maneira clara e sucinta as obras de Ariano Suassuna intituladas, *Auto da Compadecida*, *A Pena e a Lei*, *O Santo e a Porca*, bem como as questões socioculturais da região Nordeste, a qual é representada nas obras. Como proposto primeiramente foi realizada a exposição da biografia do autor e os aspectos que se relacionam ao seu legado enquanto escritor, depois foi apresentado elementos da cultura popular nordestina relacionados as obras do autor, como, a religiosidade, a linguagem e a literatura de cordel, que são aspectos da cultura do Nordeste e que são retratados nos escritos de Suassuna.

No capítulo seguinte foram abordados temas referentes a realidade dessa região, como os estereótipos que a cercam, a pobreza, a desigualdade, e também o humor utilizado pelo autor em seus textos, pois além de mostrar os problemas existentes, ele também quis mostrar a alegria dos sertanejos apesar das dificuldades enfrentadas, e expor ainda o sertão do ponto de vista literário.

E por último, o capítulo onde se fez a análise e comparação das obras, apontando o que há de semelhante e diferente entre os enredos, bem como as características de cada personagem, na análise dos personagens se fez uma análise atenciosa de personagens com características em comum, como Vicentão, o padeiro e Euricão, e João Grilo, Coroba e Benedito.

Portanto, vê-se que as obras de Ariano além de se intercruzarem, desempenham no leitor um papel de familiaridade, haja à vista, que por meio das retratações são notórios os aspectos cotidianos da realidade sertaneja, o que também é pertinente são as apresentações dessa realidade que sobrepõem-se às imposições de estereótipos, ao ver-se que a vida sertaneja não é apenas sofrida por causa das condições sociais, mas há no povo residente da região alegria, a fé e esperança de dias melhores, a preocupação com os dias vindouros e isso eleva de tal forma um ponto chave das obras que acabam atraindo aos leitores para esses aspectos sociais e culturais.

Assim, é alcançado o objetivo principal deste trabalho, que buscou evidenciar a partir do método bibliográfico a riqueza contida nas obras de Ariano Suassuna, bem como a análise comparativa destas abordadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alanna Shirley de Melo. **A construção imagética da região Nordeste**. Alagoas: Universidade Federal de Alagoas, 2018.

Ariano Suassuna. Disponível em: <https://converdadeportugues.com.br/2014/07/ariano-suassuna>. Acesso em: 13 mai 2019.

CARLOS e LOPES, Luan Alves Monteiro e Larissa Cristina Viana. **Do mítico ao lutador bem-humorado: o sertanejo na literatura brasileira**. Natal: Odisseia, 2012, p. 57-78.

SÁ, Edmilson José de. **O léxico na região nordeste: questões diatópicas**. ReVEL, v.9, n.17, 2011.

SUASSUNA, Ariano. **A pena e a lei**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Agit, 2005.

_____. **Auto da compadecida**. 39ª Ed – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

_____. **O santo e a porca**. 9ª ed – Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SZESZ, Christiane Marques. **Uma história intelectual de Ariano: leituras e apropriações**. Brasília: 2007.

TEIXEIRA, Larissa Amaral. **Literatura de Cordel no Brasil: os folhetos e a função circunstancial**. Brasília: Uniceub, 2008.

_____. Disponível em: <https://woomagazine.com.br/ariano-suassuna-e-realidade-brasileira> Acesso em: 13 mai 2019.

Auto da Compadecida. Disponível em: <http://marcohaurelio.blogspot.com/com/2011/03/o-auto-da-compadecida-e-literatura-de.html> Acesso em: 13 mai 2019.

Coloquialismo. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/coloquialismo/>
Acesso: 14 mai 2019.

Cultura Nordestina. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/blog/maquina-de-escrever/post/um-defensor-aguerrido-da-cultura-nordestina.html>. Acesso em: 13 mai 2019.

Expressões nordestinas. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/dicionario-de-nordestines>. Acesso em: 14 mai 2019.